



Vermar, um oásis de hospitalidade

Música em tons de verde e mar

Pensei em dar a esta reportagem um título menos prosaico, algo como: «O Corpo e a Alma». Sim, porque embora nas nossas estâncias de veraneio seja o corpo o objecto primordial (leia-se objectivo primordial), que se pretende seja alimentado, bronzado, refrescado, purificado, exorcitado do maléfico *stress*, é preciso não esquecer a alma que nele habita e um dos seus alimentos preferidos: a música.

Na Póvoa do Varzim, com o apoio da Sopete e da autarquia local, resolvidas que estão *a priori* as questões “do corpo” (o meu foi muito bem tratado), dadas as condições naturais e alguns oásis, como o excelente Hotel Vermar, no meio de uma floresta de betão que ameaça envolver a orla marítima, a Audio foi convidada pelo simpático e dinâmico João Marques, audiófilo, melómano, organizador do Festival de Música da Costa Verde, a “servir” o “prato quente” (bem quente, diga-se de passagem!). Cozinhada

em amplificadores Krell de Classe A e servido em “porcelana fina Apogee”, acompanhada pelo som refrescante de um Meridian 207 Pro e de um Michell GyroDec, a reprodução electrónica de música gravada foi — pela primeira vez em Portugal, no âmbito de um Festival de Música — a alternativa a um excelente menu musical que fechou apoteoticamente com uma interpretação da *Carmina Burana* de Carl Orff servida “ao natural” pelo maestro Ivo Cruz, que dirigiu um Círculo Português de Ópera bem “condimentado” por Palmira Troufa, Carlos Guilherme e Wagner Dinis. A “doce sobremesa” das vozes encantatórias do coro de crianças só encontra paralelo na arte da Grã-Mestre da Pastelaria que trabalha no Hotel Vermar; a dignidade e presença de Wagner Dinis, na competência de todos os “actores” desse notável palco da hotelaria portuguesa, onde cada nota, cada gesto, se pauta por rigorosos

critérios de profissionalismo. É esta inefável confusão entre o que pertence ao *espaço do corpo* e o que pertence ao *espaço da alma* que, diz-se, melhor define a sensação de se estar às “portas do paraíso”. Se assim é, eu estive lá!

No princípio era o sonho

Tudo começou quando João Marques, tendo assistido à minha demonstração no Hotel Meridiën, no Porto, por ocasião da visita de Jeff Rowland a convite da Esotérico, me propôs trazer a Portugal uma outra “vedeta” da áudio que pudesse ombrear com músicos e cantores de carne e osso. Acabámos por optar por um conjunto composto pelas colunas Apogee Diva alimentadas por amplificadores Krell, por se tratar de uma estreia em Portugal. A partir daí tudo se precipitou. Feitos os necessários contactos, tanto Ricardo Franassovici, da Absolute Sounds, como Manuel Dias, da Imacústica, se mostraram entusiasmados com a ideia. Nada teria sido possível sem eles.

Nos bastidores

As centenas de pessoas que assistiram aos “concertos” da Sala de Armas não se deram conta da verdadeira luta contra-relógio que foi montar toda



aquela parafernália electrónica. Começámos às dez da noite de sexta-feira e só nos considerámos minimamente satisfeitos com os resultados eram já três e meia da manhã do dia seguinte. Nunca vi colunas tão caprichosas. Colocá-las lá já não tinha sido fácil. Afiná-las (não ao ponto mas a 80%) foi o cabo dos trabalhos. Mas com o apoio da equipa técnica da Imacústica, constituída entre outros pelo próprio Manuel Dias, pelo Guedes e pelo Canizes, que tem com o equipamento uma relação misto de ternura e perseverança, e ainda com a presença activa do Arq.^o Manuel Cabral, lá se dignaram,

após alguns amuos desesperantes, cantar, enquanto Canizes de canivete em punho, qual cirurgião munido do seu bisturi, suando as estopinhas, abria com precisão a pele plástica dos cabos Supra, numa tentativa de afinar as cordas vocais da diva. E que bem que elas cantaram, meu Deus! Não foram perfeitas, já as ouvi em melhor forma. Mas portaram-se com a dignidade que a situação exigia, sem se mostrarem demasiado agastadas com as condições acústicas (e ambientais!) da sala, com apenas um ou outro conflito com a frequência de ressonância da sala, nomeadamente quan-

AUDIO SETEMBRO DE 1989

do o programa era rico em sons graves profundos, o que não chegou para estragar a festa. Quanto ao resto, limitaram-se a deixar transparecer a

As Apogée em toda a sua glória. A seus pés, os Krell. Ao fundo a presença tutelar da Audio.

a sua dama sem uma exigência que não fosse um sorriso condescendente, prostrados obedientemente a seus pés, numa configuração pseudomonofónica de biamplificação e bicablagem, tendo sido utilizado um amplificador estéreo para cada canal, alimentados separadamente em paralelo a partir de um prévio também Krell. Atenção, meu caro Guedes, confirma-se que as "saídas" do amplificador estão interiormente ligadas em paralelo, tendo todas a mesma impedância de saída — Dan Agostino dixit.

O grande dia

Chegou o grande dia: sábado, 22 de Julho de 1989, Sala de Armas do Casino da Póvoa do Varzim.

Grande afluência de público. Sala sucessivamente cheia. Público entusiasmado que aguardava paciente-mente munido do seu bilhete de ingresso. João Marques, nervoso a princípio — era uma iniciativa de alto-risco pelo seu ineditismo —, sorria feliz. Êxito total e completo. Eram já duas da manhã e o público ainda não arredava pé. Dez horas de demonstrações com apenas um pequeno intervalo para jantar. Jorge Gonçalves

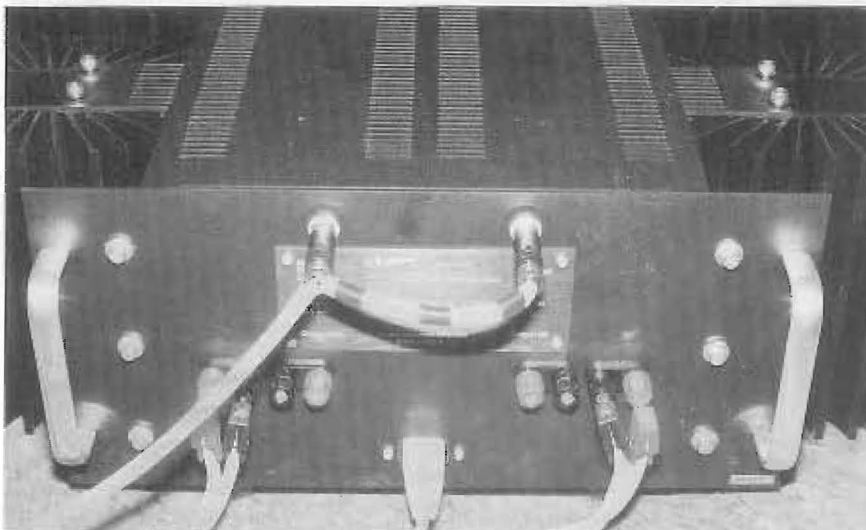


Michell Gyrodec: beleza estética e qualidade de som

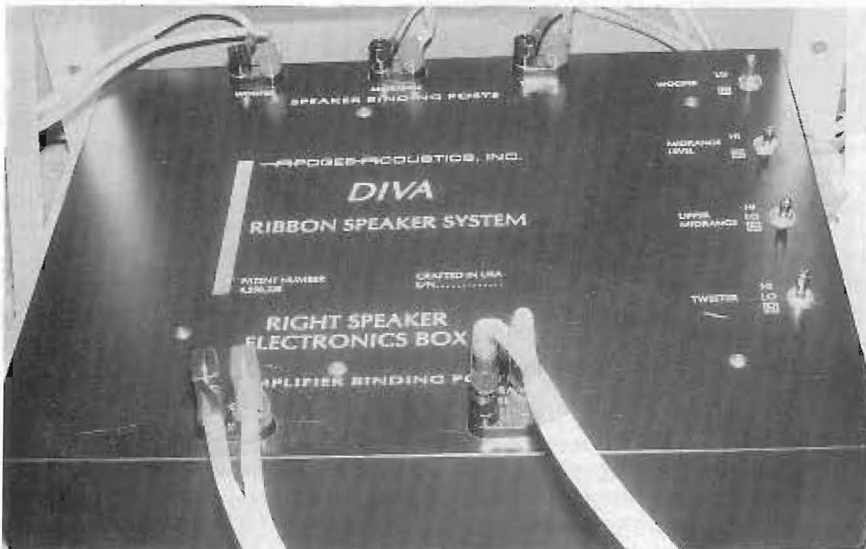
qualidade dos registos utilizados, reproduzidos na sua variante em disco compacto pelo Meridian 207 Pro, e na variante negra de vinilo por um Michell GyroDec afinado no limite possível da perfeição pelas mãos hábeis de Canizes. Os Krell, esses, cumpriram como sempre: poderosos, disciplinados, humildes, autênticos "moiros de trabalho", deixando as Apogee brilharem, sem exigirem a sua quota parte do êxito; defendendo



Nos bastidores do espetáculo



Um dos Krells. Note a ligação em paralelo



O complexo filtro passivo externo das Diva

deslocou-se propositalmente do Algarve onde passava férias para testemunhar o sucesso. Às quatro da manhã, deitei-me, finalmente, extenuado mas feliz, no conforto de um dos quartos do Hotel Vermar. Missão cumprida. Tinha sido ganha uma grande batalha na minha luta incessante pela dignificação da alta-fidelidade, pela sua elevação ao estatuto de "intérprete" privilegiado da memória musical da humanidade. Uma intérprete que soube vestir as roupagens de todos os géneros musicais: da música clássica ao jazz, da música "étnica" à música experimental; do simples ins-

trumento ou voz solista, à força arrebatadora das grandes orquestras sinfónicas. O sótão dos séculos foi vasculhado: relíquias e novidades, obras-primas e meras curiosidades, pertencentes à riquíssima colecção desse vulto da nossa cultura musical que é Mário Azevedo, soaram como uma lufada de ar fresco numa sala superaquecida, que nem por isso desmotivou o público, atento a todos os comentários, a todos os sons, como se quisesse sorver num prolongado trago todo o prazer de um desejo de difícil (impossível?) concretização: possuir para uso próprio um sistema de som desta qualidade.

No dia seguinte

E ao sétimo dia, descansou. De facto, o público não afluiu em grande número às sessões do dia seguinte. Tratava-se de um programa extra com base em música moderna.

Os motivos podem ser vários: o programa não foi devidamente divulgado; o público presente no dia anterior interessava-se principalmente por música clássica; as pessoas preferiram o calor do sol ao calor dos Krell (não as condeno); ou, então, preferiram a realidade à ilusão, apresentando-se em massa para assistir à já referida interpretação de *Carmina Burana*, de Orff. A verdade é que, como dizem os Americanos, "there's no thing like the real thing". E ainda há quem tenha o descaramento de afirmar que o disco compacto é uma revolução porque reproduz toda a dinâmica da música ao vivo. Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que dizem! Admito que, na minha



versão da *Carmina Burana* em disco compacto, o contratenor não sai surpreendentemente do *falseto* e "passa" a tenor só para mostrar que o é, como Carlos Guilherme; admito que não se obrigam os pianos a substituir a orquestra; admito que o coro estava prejudicado pela sua colocação no palco; admito mesmo que já ouvi melhores solistas e melhores coros; mas, quanto a dinâmica, ausência de compressão, emotividade e envolvimento estamos conversados. Só que não posso convidar todos os intervenientes para cantarem em minha casa, a não ser através de umas Apogee...

■ JVH

Agradecimento: agradeço a colaboração da Absolute Sounds e da Imacústica, e a amabilidade e hospitalidade da Sopete na pessoa do Dr. João Marques, que constituíram o corpo e a alma desta iniciativa; ritual de que fui mero sacerdote oficiante na minha busca incessante pelo Graal sónico.

(À esquerda) O Meridian 207 Pro na frente de ataque digital. Em baixo, o prévio da Krell KSP 7B

(Em baixo) *Carmina Burana*, de Orff, ao vivo

